

## A IDENTIDADE DOCENTE NA PERSPECTIVA DA PESQUISA NARRATIVA

*Teacher's identity from the perspective of narrative inquiry*

Amanda Magalhães Santiago<sup>1</sup>

[amanda.msantiago@gmail.com](mailto:amanda.msantiago@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-9038-1190>

Viviane Cabral Bengezen<sup>2</sup>

[ybengezen@gmail.com](mailto:ybengezen@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-8450-2969>

**RESUMO:** Neste artigo, nós, duas professoras de línguas e pesquisadoras narrativas, buscamos apresentar e discutir o conceito de identidade do professor sob a perspectiva da pesquisa narrativa segundo Clandinin e Connelly (2015), a partir das histórias que vivemos juntas (de uma professora e de uma aluna do curso de Letras), em uma universidade federal brasileira durante o ano letivo de 2018. Ao investigar narrativamente as histórias conflitantes da professora, que se chocavam com as histórias da aluna, que vivemos em 2018, relacionamos nosso entendimento de identidade à metáfora da paisagem do conhecimento do professor conforme Clandinin e Connelly (1995) e aos conceitos de histórias sagradas, secretas e de fachada. Esperamos, com este trabalho, realçar a importância da discussão da identidade do professor para sua prática em sala de aula bem como para sua constante melhoria e autoavaliação, imaginando histórias futuras baseadas na ética relacional entre professores e alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade do professor de línguas. Histórias que nos constituem. Paisagem do conhecimento dos professores.

**ABSTRACT:** In this article, we, two language teachers and narrative inquirers, aimed at presenting and discussing the concept of teacher identity from the perspective of narrative inquiry according to Clandinin and Connelly (2015), based on the stories we lived alongside, (stories of a teacher and stories of a student of the Languages course), at a Brazilian federal university during the academic year of 2018. While narratively investigating the conflicting stories of the teacher, which bumped into the student's stories, which we lived in 2018, we relate our understanding of identity to the metaphor of teachers' knowledge landscape according to Clandinin and Connelly (1995) and the concepts of sacred, secret and cover stories. We hope, with this work, to highlight the importance of discussing teacher's identity for their classroom practice as well as for their constant improvement and self-assessment, imagining future stories based on relational ethics between teachers and students.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem- (UALL-UFCAT), membro do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores-(GPNEP).

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem- (UALL-UFCAT), líder 2 do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores- (GPNEP).

**KEYWORDS:** Language teachers' identity. Stories to live by. Teachers' knowledge landscape.

### Introdução

Estudos sobre a identidade profissional docente têm ganhado maior relevância nas últimas décadas, em diversos países, seja para investigar a formação dessa identidade profissional, identificar suas características, ou aprofundar sua compreensão por meio de histórias que os professores narram (BEIJAARD; MEIJER; VERLOOP, 2004). O conceito de identidade profissional docente é definido em relação às conceitualizações de identidade de acordo com teorias específicas dos campos da Filosofia, das Ciências Sociais e Estudos da Linguagem - identidade, na literatura dessas áreas, assume diferentes sentidos.

Gee (2001) nos ajuda a pensar que no mundo globalizado, permeado por mudanças rápidas causadas principalmente pela velocidade das comunicações e informações que circulam por meio de tecnologias digitais, muitos pesquisadores veem a identidade como uma ferramenta de análise para entendermos a sociedade e a educação. Beijaard, Meijer e Verloop (2004) afirmam que a formação da identidade profissional docente "é vista como mais relevante para formadores de professores e professores em escolas para melhor compreender e conceituar o suporte que os professores em formação precisam" (p. 109, tradução nossa).<sup>3</sup> Pesquisas sobre a identidade profissional do professor contribuem para a compreensão do que é ser professor nas salas de aulas atuais, onde pressões advindas de políticas educacionais alteram com significativa constância paradigmas da responsabilidade do professor na formação de alunos.

Nós, como pesquisadoras narrativas, partimos de histórias de experiências vividas quando nossas vidas se cruzaram pela primeira vez, para refletir sobre a questão da identidade em nossa própria formação (inicial e continuada) docente. Viviane, a professora, viveu e narrou histórias de suas experiências em seu primeiro ano na universidade. Houve muita resistência e conflito por parte dos alunos, em relação à avaliação no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, ao ensino de inglês com base em gêneros que circulam na sociedade e o uso de textos autênticos em inglês que tratavam de formação de professores, em vez de ter sempre o foco na gramática, ao trabalho colaborativo em sala de aula, em vez de aprendizado individual e competição, entre outros.

---

<sup>3</sup> Original: *is seen as relevant to teacher educators and mentors in schools in order to better understand and conceptualize the support student teachers need.*

Amanda, a aluna, estava no último ano da graduação em Letras e era bolsista do Centro de Línguas da universidade. Estava se preparando para o teste de proficiência em língua inglesa - The Cambridge English: Proficiency exam (CPE) - o exame de nível mais alto dos Exames de Cambridge (no qual fora aprovada meses mais tarde) e era uma aluna extremamente engajada nas aulas de língua inglesa. Amanda viveu e narrou histórias de tensões relacionadas a sua formação no curso de Letras, à interação com os colegas de sala, ao papel da gramática nas aulas, aos processos de avaliação e ao espaço de conversação que tinha criado na universidade.

Por limitações de espaço, não é possível narrarmos detalhadamente todas as histórias que vivemos, sobre conflitos em sala de aula relacionados à avaliação e à ansiedade durante o processo de se tornar professor de inglês e, ao mesmo tempo, aprender esse idioma, mas vamos expor algumas tensões vivenciadas, buscando refletir sobre as histórias que nos constituem (termo narrativo para identidade), a paisagem estabelecida e a paisagem proposta (MELLO, 2005) pela professora, os dilemas entre permanecer na docência ou partir (BECK, 2016) e como a noção de histórias que nos constituem pode nos ajudar a compreender nossas práticas e nossa relação com os alunos.

Em seu primeiro ano de trabalho na universidade, a professora vivenciou experiências de resistência dos alunos. Em geral, a turma ainda acreditava que ser professor era dar aula expositiva com base na gramática, que o professor é o detentor do conhecimento que seria transmitido aos alunos, que o ideal de aluno é aquele que faz silêncio e que é obediente, que não é possível aprender inglês no curso de Letras e que aprender uma língua significa fazer exercícios repetitivos durante as aulas e ser avaliado por uma prova ao final de um semestre.

A experiência dos alunos escolherem o que iriam apresentar e de construírem os critérios de avaliação foi algo inédito a eles. Estavam acostumados, nas aulas de inglês, a terem um livro didático como norte consideravelmente rígido, com provas e exercícios com base na gramática. Os alunos se sentiram perdidos quando a professora solicitou que apontassem o que e como deveria ser avaliado na preparação e apresentação dos seminários - construir o quadro com os critérios e peso da pontuação, autoavaliação e avaliação em pares. Os alunos não viam a aprendizagem como um processo, mas como um produto, e ficavam receosos de compartilhar seus textos em andamento, pois ficavam esperando o texto ficar bom o suficiente para ser compartilhado.

As histórias dos alunos chocaram-se com as da professora, que buscava encontrar, na vulnerabilidade, uma forma de se aproximar. Ainda com ansiedade em seu fazer docente, a professora estava vivendo tentativas de autoria docente e discente (BENGEZEN, 2017).

## A identidade docente na perspectiva da pesquisa narrativa

Inquietações rondavam seus pensamentos: ela estava criando espaços para que os alunos se sentissem livres para fazerem escolhas e tomarem suas decisões? Estava criando espaços de engajamento nas comunidades de prática que pretendia construir? Como começar a construir um currículo diferente do que estava estabelecido naquela paisagem - como fez Mello (2004)? A história sagrada<sup>4</sup> do ensino de língua inglesa na instituição, tão reduzida, limitada e rígida, impactaria de que forma as histórias que a professora buscava viver? Aqueles futuros professores de língua inglesa viveriam histórias de permanência ou de desistência? A professora iria permanecer ou partir?

Em seu último ano no curso de Letras, Amanda vivenciou conflitos na sala de aula de inglês com alguns de seus colegas em relação à mudança de perspectiva de ensino de língua inglesa apresentada pela professora Viviane. Para Amanda, o uso de textos autênticos em língua inglesa sobre formação de professores, a apresentação de diferentes metodologias de ensino de línguas e a reflexão sobre os processos de avaliação foram mudanças nas aulas de inglês fundamentais para sua formação como professora de inglês. Essa perspectiva foi de encontro às perspectivas de alguns colegas, que não aceitaram a maneira arrojada da nova professora (no caso, a Viviane).

Com essas inquietações em mente, apresentamos o objetivo e as justificativas para a escrita desse artigo. Nosso objetivo é problematizar questões relacionadas ao conceito de histórias que nos constituem (*stories to live by*), que é um termo narrativo para identidade, proposto por Connelly e Clandinin (1999) para compreender narrativamente as histórias da professora e da aluna, em meio a tensões vividas quando a história sagrada do ensino de língua inglesa da universidade, reduzida e inflexível, impactava as histórias secretas da professora.

Quanto às justificativas, para nossas práticas docentes, investigar narrativamente as histórias vividas e relacioná-las ao conceito de identidade pode contribuir diretamente para aprimorar nosso fazer como professoras de línguas. Academicamente, é importante discutir o conceito de identidade profissional do professor e situar nosso entendimento sob a perspectiva da pesquisa narrativa, para que outros pesquisadores e professores possam se beneficiar desse debate e construir outros sentidos para suas vidas profissionais. A área de formação de professores de línguas também pode ser beneficiada pelos resultados apresentados neste artigo, possibilitando histórias futuras de compreensão das identidades profissionais docentes com mais efetividade, justiça e ética no ensino de línguas e na Linguística Aplicada, que é uma área

---

<sup>4</sup> Apresentamos os conceitos de história sagrada, secreta e de fachada em uma seção própria

construída sobre bases eurocêntricas e ainda marcada por sistemas de ensino opressores e imperialistas.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na introdução, expomos experiências de quando nós, autoras, tivemos nosso primeiro contato durante um semestre de aulas de língua inglesa do curso de Letras de uma universidade pública federal brasileira. Nas seções seguintes, apresentamos alguns pressupostos teóricos sobre identidade de acordo com cientistas sociais e estudiosos da linguagem, e de acordo com a pesquisa narrativa na perspectiva de Clandinin e Connelly (2000), com atenção especial aos conceitos de histórias que nos constituem (*stories to live by*), histórias secretas, sagradas e de fachada. Por fim, nas conclusões, propomos uma abertura a imaginar histórias futuras de ensino de línguas e de formação de professores de línguas, considerando uma compreensão mais aprofundada das questões identitárias, principalmente quando tocam na vulnerabilidade e na ética.

### Considerações sobre identidades

As pesquisas sobre identidades têm contribuído para debates sobre os impactos da globalização, do decolonialismo e do multiculturalismo em questões que incluem nacionalidade, família, gênero e classe, bem como sobre questões de identidade e espaço, representações midiáticas da identidade, e in(ex)clusão social. Algumas perspectivas que tratam do tema identidade partem de categorias como classe, raça, etnia, gênero, deficiência e sexualidade.

Os estudos mais recentes têm questionado modelos essencialistas, dando lugar a reflexões sobre modos de pertencer, ética relacional, relações entre espaços e constituições identitárias e desfazimento do eu, entre outras. Gee (2012) utiliza o conceito de múltiplas identidades que são conectadas pelas performances dos indivíduos nas sociedades, pois para ele, identidades são ligadas ao funcionamento de forças históricas, institucionais e socioculturais.

Bauman (2005) faz um convite a pensarmos nos impactos da globalização em nossas vidas - no nosso trabalho, na economia, nas culturas, nas políticas, etc. e afirma que antes desse período que ele denomina mundo líquido havia uma ideia de centralidade de identidade, influenciada pelas instituições como família, igreja e Estado. Entretanto, com a globalização e a revolução digital, as interações eletrônicas fundam redes de relações que podem ser mais ou menos diversas, líquidas, efêmeras, flexíveis e fluidas. Entendemos que seja possível escolhermos identidades, já que não são mais impostas como eram no passado essencialista,

ainda que essa escolha possa ser momentânea, graças à provisoriedade e à fragilidade dos papéis identitários.

Para os pesquisadores narrativos que seguem a perspectiva de Mello (2016) e Clandinin (2020), uma questão crucial que se coloca na base das investigações é quem somos e quem estamos nos tornando nas paisagens onde vivemos as experiências. Ao viver, contar, recontar e reviver experiências, mantemos um senso contínuo de não saber e querer saber cada vez mais sobre nós mesmos, sempre em relação ao outro. Concordamos com Gee (2001) ao observar que "um foco nas formas contextualmente específicas em que as pessoas expressam e reconhecem identidades permite uma abordagem mais dinâmica do que o trio às vezes exageradamente generalizado e estático de 'raça, classe e gênero'" (p. 99, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Na pesquisa narrativa, nós não nos pautamos em e não fazemos categorizações. Em vez disso, contamos histórias de como entendemos experiências vividas, e recontamos essas histórias buscando fios narrativos que perpassam as histórias para compreender narrativamente o que significa ser professora, o que significa compor vidas nas paisagens educacionais, buscando evitar cair em possíveis armadilhas de rótulos, estereótipos e categorizações. Nessa jornada pelo interior de quem somos e quem estamos nos tornando, buscamos manter, também, um senso de relação com o outro, de viajar para o mundo do outro (LUGONES, 1987).

Nossas reflexões são um trabalho em desenvolvimento contínuo e nossas pesquisas assumem, muitas vezes, características de tentativas, tentando se adequar a prazos impostos pela burocracia acadêmica, pelos calendários letivos, pelas agências de fomento e pelas agendas de todas as pessoas envolvidas nas comunidades responsivas com as quais nos envolvemos. Nosso foco, na pesquisa narrativa, é sempre no *COMO* narramos uma experiência vivida, com especial atenção às histórias que nos constituem, que são as histórias de quem somos e quem estamos nos tornando (CLANDININ ET AL., 2006, p. 8). Pesquisadores narrativos entendem as identidades narrativamente, a partir de histórias múltiplas, fluidas e em constante transformação, sendo compostas ao longo do tempo, em interação com diferentes pessoas em diferentes lugares.

Desenvolvemos toda pesquisa narrativa considerando a ética relacional (CLANDININ, CAINE, LESSARD, 2018); CLANDININ, MURPHY, 2007) entre pesquisadores e participantes. A base da pesquisa narrativa é o conceito de experiência de Dewey (1938) e os critérios de experiência: interação e continuidade. Isso significa que o pesquisador inicia sua

---

<sup>5</sup> Original: A focus on the contextually specific ways in which people act out and recognize identities allows a more dynamic approach than the sometimes overly general and static trio of "race, class, and gender".

pesquisa no entremeio das histórias vividas pelos participantes e também termina sua pesquisa no entremeio. Fazendo os movimentos de viver, contar, recontar e reviver a experiência (CLANDININ, 2020), o pesquisador narrativo busca honrar as histórias vividas pelo participante, co-compondo sentidos das narrativas. Nas pesquisas narrativas da área da Linguística Aplicada sobre formação de professores, por exemplo, os temas investigados são, geralmente, aqueles que são evadidos da sala de aula, muitas vezes silenciados, negados ou apagados das paisagens do conhecimento dos professores, pois à medida que o pesquisador narrativo investiga as experiências vividas, esses temas surgem a partir das tensões vividas.

Quando criamos espaços de problematização, discussão e reflexão sobre problemas que fazem parte das vidas nas instituições de ensino, criamos oportunidades para que os participantes de pesquisa tenham suas histórias valorizadas e os pesquisadores prestem atenção a como se posicionam na pesquisa, quem são e quem estão se tornando. Dessa forma, a pesquisa se justifica pessoalmente e socialmente, pois as histórias se desvelam dentro do espaço metafórico tridimensional da pesquisa narrativa (tempo, pessoa e lugar). Fazendo os movimentos introspectivo, extrospectivo, retrospectivo e prospectivo, pesquisadores e participantes partem de uma experiência e retornam para ela ao final das pesquisas.

Quando buscamos entender a experiência vivida pelas pessoas na paisagem pesquisada, não fazemos um recorte da vida dos participantes e o analisamos estático no tempo. Inserimos em histórias em andamento, vivemos essas histórias com nossos participantes e partimos delas, sem que estas terminem. As pessoas vivem vidas historiadas, que têm início antes e continuam durante e após nossa investigação. Sendo essa a natureza da investigação, utilizamos o espaço tridimensional para lançar nossos olhares ao passado, às experiências vividas e às histórias construídas em outras paisagens, e também para o futuro, em como as experiências vividas ali naquele momento comporão outras futuras experiências. O local em que as experiências acontecem e as histórias que são compostas tem sua própria influência na composição de sentidos das experiências vividas ali. É necessário também que se observe as relações que o indivíduo tem consigo próprio e com o mundo e as pessoas ao seu redor (CLANDININ, 2020).

Ao investigarmos as histórias de participantes e as paisagens nas quais eles e nós estamos inseridos, fazemos a todo momento a reflexão de quem somos e quem estamos nos tornando. Buscamos entender, naquela relação com o participante e durante a realização de nossas análises, quem somos como pessoas, como profissionais, como pesquisadores narrativos, e mais as outras várias identidades que vestimos no dia-a-dia.

## A identidade docente na perspectiva da pesquisa narrativa

Enquanto pesquisadores narrativos, localizamo-nos no entremeio em nossas análises, situando-nos em locais de des/conforto para compor sentidos das histórias que estamos vivendo, revivendo, construindo e reconstruindo com nossos participantes. Esse local de entremeio, de liminaridade, em que nos localizamos é fluido e exige que questionemos nossos conceitos de certo e errado, nossos sentimentos, nossas emoções.

### Histórias que nos constituem: termo narrativo para identidade

Connelly e Clandinin (1999) apresentam o termo histórias que nos constituem (*stories to live by*) para definir identidade narrativamente. Utilizam este termo como uma maneira de juntar conceitualmente o conhecimento prático do professor com a paisagem em que está inserido. A identidade de um indivíduo, para esses pesquisadores, é caracterizada por ser um fenômeno relacional e mutável, construída na interseção entre identidade, conhecimento e contexto. Seguindo esse pensamento, destacamos a importância do aspecto pessoal com o contexto em que a pessoa está inserida. Entendemos que a identidade profissional do professor é formada por diversas identidades relacionadas a diferentes contextos, que se harmonizam ou se confrontam entre si, continuamente.

Sendo assim, quando estudamos as identidades dos professores, as histórias que nos constituem não são homogêneas, nem em relação a um professor, nem para todos aqueles que se identificam como professores. Parte significativa de sua identidade profissional é relacionada ao contexto em que estão inseridos em seus locais de prática e seus conhecimentos a respeito de suas atividades e experiências prévias. Nos contextos de formação docente, Ivanova e Skara-Mincline (2016) nos ajudam a refletir sobre as crenças que os professores em formação inicial carregam e como são desafiadas, quando afirmam:

Muitos estudos demonstram [...] que as crenças adquiridas antes da universidade formam o entendimento [dos estudantes] sobre o que boas práticas de ensino e o que um professor efetivo é. Essa percepção é com frequência desafiada durante a formação de professores iniciais. (2016, p. 531, tradução nossa)<sup>6</sup>

Além das experiências anteriores, o posicionamento do professor nos diferentes contextos escolares produz identidades distintas que são assumidas de modo a facilitar sua prática no mundo profissional. Segundo Telles (2004, p. 60) “[...] as identidades têm suas histórias” e “[...] como histórias que são por nós vivenciadas, as identidades têm naturezas, [e]

---

<sup>6</sup> Original: “Many studies show [...] that the beliefs gained before university form [the students] understanding of what good teaching and what an effective teacher is. This perception is often challenged throughout initial teacher education.” (IVANOVA E SKARA-MINCLINE, 2016, P. 531)

tendem a mostrar suas diferentes facetas”. Considerando os diferentes espaços que o professor ocupa dentro da paisagem educacional, como por exemplo o espaço dentro da sala de aula e o espaço burocrático da sala dos professores, da coordenação, da direção ou das reuniões de pais, o professor pode viver diferentes histórias, que podem ser identificadas como histórias sagradas, secretas e de fachada, que explicaremos na próxima seção.

### **Histórias sagradas, secretas e de fachada**

Clandinin e Connelly (1995) descrevem histórias secretas como aquelas que o professor vive no espaço seguro que tem dentro de sala de aula, onde, geralmente, é livre para utilizar a prática de ensino que deseja e crê ser a mais apropriada para aquele contexto. O fato é que, muitas vezes, essas histórias secretas de ensino não condizem com as histórias sagradas da instituição. São histórias sagradas as práticas mais apropriadas à visão institucional das escolas do que é a melhor forma para a educação dos alunos. Devido a essa divergência que pode se apresentar entre as histórias secretas dos professores e as histórias sagradas das instituições, surgem as histórias de fachada que os professores vivem. São elas as histórias vividas pelos professores de modo a facilitar suas práticas em salas de aulas para que estas não vão de encontro às histórias sagradas da instituição.

Pode-se utilizar como um exemplo para o entendimento desta relação de histórias sagradas, secretas e de fachada, a vida de um professor de línguas cuja instituição de trabalho requer que este utilize um material didático que apresenta o conteúdo de forma diferente de sua proposta. O professor, cuja prática difere da prática de ensino na história sagrada da instituição, subverte sua prática apresentando à instituição uma história de fachada enquanto vive suas histórias secretas em sala de aula. É importante destacar que não necessariamente todo professor viverá histórias sagradas, secretas e de fachada em sua vida profissional.

### **Histórias sobre ficar (*stories to stay by*) ou histórias sobre partir (*stories to leave by*)?**

A fim de nos ajudar na compreensão narrativa das tensões e dilemas que vivenciamos naquele ano letivo de 2018 e refletir sobre as histórias que nos constituem (*stories to live by*), apresentamos o estudo de Beck (2016) que, em sua tese de doutorado, buscou analisar como os anos iniciais de um professor influenciam a identidade do professor ao longo de sua prática. A inquietação para esse estudo surgiu da experiência pessoal da autora como professora iniciante e com sua preocupação com a alta taxa de evasão (40% a 50%) de professores da sala de aula nos primeiros cinco anos de prática devido às dificuldades enfrentadas por novos profissionais, com a divergência entre a ideia de professor que imaginavam que seriam e como de fato era sua

## A identidade docente na perspectiva da pesquisa narrativa

prática em sala de aula. A autora buscou demonstrar como suas experiências em sala de aula nos anos iniciais influenciaram sua identidade profissional enquanto professora durante os anos seguintes e durante seus estudos na pós-graduação.

O estudo foi realizado numa perspectiva narrativa, com atenção ao fato de que as experiências são contínuas, carregando e acumulando o que veio antes, para fazer parte de novas experiências (DEWEY, 1938). Isto é, “cada experiência deixa um resíduo que continua no próximo momento, acumulando de maneiras diferentes e atravessando contextos”<sup>7</sup> (BECK, 2016, p. 119, tradução nossa). Durante seus estudos no mestrado, a autora analisou suas histórias sobre partir (*stories to leave by*), ou seja, as histórias que ela e mais duas professoras iniciantes viveram enquanto retiravam-se dos espaços de sala de aula, seja por motivos de pesquisa, seja por sentimento de inadequação profissional ou de incapacidade profissional e como isso modificou suas identidades como professoras.

Quando inicia seus estudos no doutorado a autora volta a sua prática em sala de aula, e passa a discutir então, não as histórias sobre partir (*stories to leave by*), mas sim as histórias sobre ficar/ permanecer (*stories to stay by*), em conjunto com mais três professores com tempo de experiência em sala de aula parecidos com o seu. Durante essa pesquisa, através das suas histórias e das histórias de seus colegas, a pesquisadora e seus “colegas de pesquisa”<sup>8</sup> (BECK, 2016, p. 44, tradução nossa) analisam as experiências e paisagens que formam suas identidades como professores e seus motivos para permanecerem como professores.

Partindo da pesquisa de Beck (2016), entendemos que a visão que um professor iniciante espera de si mesmo durante sua prática, a divergência dessa visão com a realidade de sua prática na paisagem educacional na qual está inserido, bem como a sensação de despreparo para as realidades de sala de aula impactam diretamente a identidade profissional deste professor, que está ligada a sua permanência ou não no mundo profissional e as suas visões de qualidade de ensino. Nas histórias vividas por nós duas em 2018 foram histórias sobre ficar (*stories to stay by*), porque apesar das resistências, dos choques e dos embates, nós permanecemos na vida acadêmica, pelo menos até a escrita deste artigo. Nesse sentido, a pesquisa narrativa e as comunidades responsivas das quais fazemos parte serviram de suporte para reflexão e tentativas de vivermos práticas mais efetivas e éticas com nossos alunos.

### Considerações finais

---

<sup>7</sup> Original: “each experience leaves a residue that continues into the next, accumulating in different ways and across contexts” (BECK, 2016, p. 119)

<sup>8</sup> Original: “Research-friends” (BECK, 2016, p. 44)

As histórias que nos constituem estão intimamente conectadas ao trabalho profissional e às habilidades dos professores de fazer escolhas, planejar ações, tomar decisões e colocar em prática certas ações com base em compreensões cada vez mais aprofundadas das concepções de língua, de ensino e de aprendizagem. Essas histórias são permeadas, muitas vezes, pelas tentativas dos professores em sustentar suas identidades, construindo uma coerência narrativa às histórias vividas e narradas nas paisagens do conhecimento profissional docente (CLANDININ, 2020).

Além disso, essas histórias de quem somos e quem estamos nos tornando são de extrema importância para a prática pessoal do professor, em destaque aos professores iniciantes que analisam suas práticas de acordo com o que definem serem bons professores ou professores com boas práticas de ensino. As construções dessas identidades são mutáveis e dependentes das experiências vividas por esses profissionais enquanto professores, em um contínuo experiencial (DEWEY, 1938).

Mais pesquisas e discussões sobre esse assunto são necessárias de modo a contribuir para a formação, tanto inicial quanto continuada, de professores bem qualificados e que se sintam confiantes para lidar com as dificuldades enfrentadas nas paisagens educacionais onde vivem. Ao concluir esta investigação, nossa compreensão sobre as identidades dos professores aprofundou-se no sentido de estar conectada com o currículo construído, ou seja, para nós, pesquisadoras narrativas, entendemos a composição do currículo como composição de identidades no entrecruzamento de histórias vividas na intersecção das paisagens educacionais, culturais e familiares (CLANDININ, 2020).

Ao entender que estamos continuamente nos tornando professoras e que tudo está sendo construído (portanto nada está dado), aprendemos a lidar com nossas ansiedades e a construir relações éticas com nossos alunos nas aulas de línguas. Aprendemos também que o currículo é continuamente construído e que, ao nos engajarmos em pesquisas narrativas, passamos a pensar narrativamente nas identidades compostas na escola e na universidade, vivendo, contando, recontando e revivendo histórias ao longo do desdobrar de nossas vidas e, sobretudo, que as tensões e os dilemas são fundamentais para a aprendizagem e o crescimento, auxiliando o amadurecimento e a compreensão das diferenças.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 105.

- BECK, Jaime L. **Teachers' Experiences of Negotiating Stories to Stay By: A Narrative Inquiry**. 2016.
- BEIJAARD, Douwe; MEIJER, Paulien C.; VERLOOP, Nico. Reconsidering research on teachers' professional identity. **Teaching and teacher education**, v. 20, n. 2, p. 107-128, 2004.
- CLANDININ, D. Jean. **Journeys in Narrative Inquiry**. Routledge, 2020. VitalBook file.
- CLANDININ, D. Jean. **Engaging in Narrative Inquiry**. United States: Left Coast Press, 2013.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2 ed. Ver. Tradução: GPNEP: Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores. ILEEL\UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY F. Michael. Teachers' professional knowledge landscapes: Teacher stories—stories of teachers—school stories—stories of schools. **Educational researcher**, v. 25, n. 3, p. 24-30, 1995.
- CONNELLY, M.; CLANDININ, D. J. **Shaping a professional identity: Stories of educational practice**. New York: Teachers College Press, Teachers College, Columbia University, 1999.
- DEWEY, John. **Experience and Education**. New York: Macmillan. 1938.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, v. 24, n. 1, 1996.
- IVANOVA, Ilze; SKARA-MINCLNE, Rita. Development of professional identity during teacher's practice. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 232, p. 529-536, 2016.
- LUGONES, Maria. Playfulness, “world”-travelling, and loving perception. **Hypatia**, v. 2, n. 2, p. 3-19, 1987.
- MELLO, Dilma Maria. Estudo narrativo: Proficiência, identidade e formação de professores. **Revista Scitis - UNIP**, São Paulo, ano 2, v. 4, ed. especial, p. 114-123, Jan. - Jun. 2016
- MELLO, Dilma Maria. **Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências: buscando espaço para a formação do professor na aula de língua inglesa do curso de Letras**. 2004. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística)-LAEL, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- TELLES, João A. Reflexão e identidade profissional do professor de LE: que histórias contam os futuros professores?. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 4, n. 2, p. 57-83, 2004.

*Recebido: 26 de novembro de 2020*

*Aprovado: 17 de dezembro de 2020*